

**MINISTÉRIO DA SAÚDE**

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**

**ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO**

## **A mulher na obra de Lima Barreto**

**Por**

**Viviane Caruzo Monteiro Laino**

Monografia de término de curso  
apresentada à orientadora Sandra  
Maria Costa Cardoso.

Dezembro, 2006.

Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.  
Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.  
Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.  
Não sou tão feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
Inauguro linhagens, fundo reinos  
- dor não é amargura.  
Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade da alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.  
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.  
Mulher é desdobrável. Eu sou.

(Adélia Prado)

## **Resumo**

Esta monografia tem como finalidade identificar e analisar o papel da mulher na virada do séc. XIX/XX, através de dois romances do escritor pré-modernista Lima Barreto: *Clara dos Anjos* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

A pesquisa é constituída de três capítulos.

No primeiro, apresento uma biografia do escritor Lima Barreto, testemunha de seu tempo, e um painel de suas principais obras publicadas.

No segundo, faço um histórico do contexto político-econômico-social brasileiro, no final do séc.XIX e primeiras décadas do XX, período em que nasceu e viveu o “escritor maldito”, como era conhecido.

No terceiro, historicizo a situação da mulher na sociedade brasileira da época, bem como traço um perfil das heroínas femininas dos dois romances em questão, analisando-as sob dois aspectos: o casamento e a educação.

Por último, teço alguns comentários conclusivos a respeito do assunto estudado.

## **Sumário**

<b>Introdução.....</b>	<b>5</b>
<b>1.Quem foi Lima Barreto?.....</b>	<b>6</b>
<b>2. O contexto histórico brasileiro na virada do séc.XIX/XX.....</b>	<b>10</b>
<b>3. O papel da mulher na sociedade da época.....</b>	<b>16</b>
<b>3.1 A mulher na visão de Lima Barreto.....</b>	<b>21</b>
<b>3.1.1 Clara dos Anjos.....</b>	<b>23</b>
▪ Clara	
▪ Engrácia	
▪ Dona Margarida	
▪ Irene e Catarina	
▪ Dona Castorina	
▪ Mme. Bacamarte	
<b>3.1.2 Triste fim de Policarpo Quaresma.....</b>	<b>31</b>
▪ Olga	
▪ Ismênia	
▪ Adelaide	
<b>Conclusão.....</b>	<b>39</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>41</b>

## Introdução

Ao assistir a uma aula de Literatura sobre Pré-Modernismo, chamou-me atenção um assunto comentado pela professora: o de que é possível depreender-se o contexto político, econômico, social e cultural de uma determinada época e lugar através da Literatura.

Coincidentemente, estava lendo, naquele momento, o romance *Clara dos Anjos*, do escritor pré-modernista Lima Barreto, cuja temática muito me interessara: a denúncia dos preconceitos raciais, a corrupção dos políticos e, principalmente, a situação da mulher naquela época (séc.XIX/XX). Como gosto de ler e identifico-me com questões ligadas à mulher, resolvi debruçar-me sobre este assunto, através da leitura de algumas obras de Lima Barreto.

A escolha deste tema – A mulher na obra de Lima Barreto – fez com que eu me detivesse, cautelosamente, sobre a obra ficcional de Lima Barreto a fim de melhor conhecê-la e poder selecionar os livros a serem trabalhados. Esta leitura cuidadosa me mostrou que o universo da literatura, além de propício à pesquisa histórico-científica, é uma fonte inesgotável de conhecimento e prazer.

A escolha do autor Lima Barreto e do período em foco deve-se a minha descoberta do escritor, enquanto leitora e aluna, e ao meu interesse por assuntos abordados em seus livros, como questões relativas à mulher, à cidade e à política.

Esta monografia é constituída de três capítulos:

O primeiro mostra quem foi Lima Barreto, suas principais obras e o momento em que foram escritas.

O segundo trata do contexto histórico brasileiro e, em particular, do Rio de Janeiro, no final do séc. XIX e início do XX.

O terceiro é uma análise da visão do autor sobre a mulher em dois de seus romances: *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Clara dos Anjos*.

## 1. Quem foi Lima Barreto?

“Queimei os meus navios; deixei tudo, tudo, por essas coisas de letras.”

(Lima Barreto)

Afonso Henriques de Lima Barreto, mais conhecido como Lima Barreto, veio ao mundo no dia 13 de maio de 1881. Seus pais, Amália e João Henriques de Lima Barreto, moravam em Laranjeiras, no Rio de Janeiro, até então capital do país.

Seu pai trabalhava como tipógrafo na Imprensa Nacional e sua mãe era professora de letras. Dona Amália contraiu tuberculose e morreu muito nova, deixando quatro filhos sob a responsabilidade do marido.

Quando Lima Barreto completou sete anos, no dia 13 de maio de 1888, presenciou, no Largo do Paço, o momento em que a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea. Esse momento ficou marcado para o resto de sua vida e quando adulto diria: “Jamais na minha vida vi tanta alegria!”.

Em 1889, ocorreu a Proclamação da República. Seu pai, sendo monarquista, pediu demissão do cargo que exercia e sua família ficou à beira da miséria. A família Lima Barreto nunca levou uma vida fácil. Gente humilde, descendente de escravos, sofria preconceitos da sociedade, em tempos em que o Brasil tinha o negro e o mulato como um servo e não um cidadão como todos os outros.

Durante esse período, seu pai João Henriques consegue um emprego de almoxarife num asilo de loucos, na Colônia de Alienados, na Ilha do Governador.

Visconde de Ouro Preto era padrinho de Afonso. Dispôs-se a bancar os estudos do menino, fazendo sua matrícula no Liceu Popular Niteroiense.

Após prestar exames no Ginásio Nacional, com apenas quinze anos, Lima iniciou seus estudos na Escola Politécnica como engenheiro civil. Mas não se formou devido às faltas e reprovações. Lá, enfrentou pela primeira vez o preconceito racial.

Em 1902, João enlouqueceu e se aposentou por invalidez. Barreto, com apenas vinte e um anos, sendo filho mais velho, assumiu a responsabilidade de sustentar a família: seu pai, seus irmãos de sangue, seus irmãos postiços e mais um velho agregado. Foi morar em Todos os Santos e sua casa logo ficou conhecida como “a casa do louco”. Faz concurso para o Ministério da Guerra e começa a trabalhar como amanuense.

Nesse tempo, passou a freqüentar cafés e conheceu muitos jornalistas; começou então a escrever para alguns jornais.

Lima Barreto sonhava dia após dia com a glória literária. E quanto mais descobria sua vocação literária, mais ficava impossível suportar a sua função como simples amanuense. E ainda ouvia, em casa e no trabalho, comentários irônicos e preconceituosos sobre seu dom literário: como um mulato poderá ser capaz de tornar-se um escritor famoso?

Em 1906, Lima Barreto já tinha escrito os primeiros capítulos de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, mas não pôde divulgá-los.

Em 1907, fundou a revista *Floreal* juntou com os amigos. Nesta revista, apareceram os primeiros capítulos de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. *Floreal* terminou no quarto número.

Lima publicou o livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha* em Portugal. Nenhuma editora do Brasil, naquela época, seria capaz de publicar essa obra, pois a mesma denunciava a imprensa e provocaria escândalos.

A ansiedade do autor de ver a obra publicada, somando-se a vida que levava e a profissão insuportável, fez com que Lima Barreto mergulhasse no álcool, como se isso fosse uma saída para todos os seus problemas.

Em novembro de 1909, *Recordações do escrivão Isaías Caminha* foi publicado. Ao ser editado, o livro não teve tanta repercussão como o autor esperara.

Em 1910, solicitou uma licença para tratamento de saúde devido ao alcoolismo. Mesmo com a doença, conseguiu escrever *Triste fim de Policarpo Quaresma*, sua obra mais conhecida.

Lima Barreto foi-se degradando, entregou-se ao álcool de tal forma que acabou com sua vida pessoal e literária. Já não ia mais trabalhar e bebia a qualquer hora.

Em abril de 1914, Afonso Henriques começou a delirar, foi levado ao médico, que diagnosticou: alucinações alcoólicas.

Passou um tempo em Barra de Guaratiba, na casa de um tio; seu estado de saúde piorou. Foi internado no hospício da Praia Vermelha.

Vemos semelhanças entre a vida de Lima Barreto e a de alguns de seus personagens, como por exemplo, no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o Major Quaresma, ao sofrer um ataque de loucura, é internado e logo depois passa a morar num sítio, no interior.

Ao voltar do hospício, Lima escreveu o romance *Numa e a Ninfa*, publicado em folhetins, no jornal *A Noite*, em 1915.

Começou a trabalhar na revista *Careta* e no Seminário Político A.B.C..

Em 1916, publicou *Triste fim de Policarpo Quaresma* e dois contos: *A Nova Califórnia* e *O Homem que sabia Javanês*. Com *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto conseguiu a sua tão esperada estréia literária. Muitos jornais falaram sobre ele e seu romance.

Em 1917, candidatou-se à Academia Brasileira de Letras, mas não foi aceito. No ano seguinte, internou-se para tratamento de saúde e aposentou-se devido à invalidez.

*Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* foi publicado em 1919 e, nesse ano, candidatou-se de novo à Academia Brasileira de Letras, e novamente não foi eleito.

No Natal desse mesmo ano, Lima Barreto internou-se e ficou até o ano de 1920 no hospício. Nesse período em que passou internado, escreveu *Diário do Hospício* e *O Cemitério dos Vivos* (este último não concluído).

Candidatou-se pela terceira vez à Academia Brasileira de Letras; pensando que não seria aceito, retirou a candidatura.

Aos 40 anos, entregue à bebida, tinha uma fisionomia desgastada pelas decepções da vida, vivia como um mendigo. Nessa época, Monteiro Lobato veio para o Rio de Janeiro com o intuito de conhecê-lo. Ao vê-lo nesse estado, preferiu não se identificar.

Ao viajar para São Paulo, a pedido de seu médico, Lima Barreto conheceu Monteiro Lobato pessoalmente. Em São Paulo, sua situação melhorou um pouco: novos amigos, sem bebida, dieta balanceada.

Foi convidado a pronunciar uma palestra, em Rio Preto. Escreveu a palestra resumindo sua visão sobre a função da literatura. Seus amigos combinaram acompanhá-lo de carro até o local da palestra. Mas no dia e hora do evento, Afonso simplesmente não apareceu; novamente se entregara à bebida.

Ao elaborar suas obras, Lima estava preocupado em criar uma literatura capaz de denunciar as injustiças cometidas. A linguagem usada em seus romances era simples para possibilitar melhor entendimento por parte do leitor. Por esse motivo, foi muito criticado por outros autores de sua época. Estes, que utilizavam em suas obras uma linguagem elaborada, para embelezar seus romances e livros, acusavam Lima de não saber gramática.

O romance *Clara dos Anjos* foi concluído em 1922, ano da morte de Lima Barreto.

Seus amigos viram Afonso pela última vez no dia 07 de setembro, quando tinha saído da Vila Quilombo para assistir aos festejos da Independência do Brasil.

No dia 01 de novembro de 1922, Evangelina, irmã de Lima Barreto, entrou em seu quarto trazendo-lhe uma refeição e encontrou-o morto.

À noite, no velório, vieram vê-lo seus amigos e conhecidos de mesas de botequim.

Lima Barreto deixou, em 41 anos de vida, 17 volumes, entre eles livros de memórias, artigos, um romance inacabado e correspondências.

Dois dias depois de sua morte, seu pai João Henriques, que tanto sonhara em ver seu filho formado, morreu.

Veremos, a seguir, o contexto histórico brasileiro e, em particular, do Rio de Janeiro, na virada do séc.XIX/XX, época em que viveu Lima Barreto e suas personagens femininas.

## **2. Contexto histórico brasileiro na virada do séc. XIX/XX**

Para melhor conhecer, entender e analisar as personagens femininas barretianas, senti necessidade de estudar o contexto histórico da época em que estas viveram, pois, certamente, as atitudes, o comportamento e a maneira de pensar dessas personagens refletem as atitudes, o comportamento e a maneira de pensar da mulher à época em que Lima Barreto viveu.

No Brasil, durante o término do séc.XIX, iniciou-se a República, que representou os tempos modernos, tirando o país da trágica escravidão e da inércia monárquica.

Durante a República, as divergências no meio militar se faziam presentes, pois o Exército ocupava o mais alto cargo político em detrimento da Marinha.

No campo ideológico, três correntes disputavam a definição da natureza do novo regime: o liberalismo, o jacobinismo e o positivismo.

Com a Constituição do período republicano, o liberalismo de influência norte-americana saiu vitorioso.

Em 24 de fevereiro de 1891, foi promulgada a Primeira Constituição da República Brasileira. Alguns pontos desta carta são de suma importância, entre eles:

- O país tornou-se uma república federativa denominada Estados Unidos do Brasil, as províncias passaram à condição de estado e ganharam autonomia para promulgar suas próprias constituições, fazer empréstimos no exterior, arrecadar impostos e eleger seus governadores (então chamados de Presidente de Estado);
- o presidente da República, os presidentes estaduais e os membros do Congresso Nacional (Câmara de Deputado e Senado) seriam eleitos diretamente através do voto aberto e pelo povo, com exceção dos analfabetos, mendigos, mulheres, soldados e menores de 21 anos;
- o presidente da República, além de chefe de governo, tomou-se o chefe da Federação, através de um mandato de 4 anos, sem direito à reeleição, podendo interferir nos estados em caso de invasão estrangeira ou se apresentassem tendências separatistas;

- foram reconhecidas a igualdade de todos perante a lei, a liberdade e segurança individual e, principalmente, a garantia de plenos direitos à propriedade;
- a igreja passou a ser separada do Estado, não havendo, porém, na prática, efetivas garantias para a liberdade de todos os cultos, uma vez que os templos das religiões de origem africana eram constantemente fechados e seus praticantes perseguidos e presos;
- instituiu-se o registro de nascimento, o registro de casamento civil e o atestado de óbito.

Um novo presidente foi eleito: Marechal Deodoro da Fonseca; e para vice-presidente, Floriano Peixoto.

Durante o primeiro governo da República, houve uma resistência ao autoritarismo do presidente. Esta resistência foi organizada pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Pará, com o apoio da Marinha e de setores do Exército. Doente e com medo de uma guerra civil no país, o Marechal Deodoro renunciou, em 23 de novembro de 1891.

Desta forma, Floriano Peixoto tornou-se presidente. Mesmo prometendo melhorias, seu governo não foi muito diferente do anterior em termos de autoritarismo.

Floriano, para conseguir apoio popular, tomou determinadas medidas econômicas e sociais; tais medidas não foram eficazes a curto prazo e acabaram provocando uma forte oposição civil e militar, sob a forma de movimentos rebeldes.

Em 1898, o Brasil entrou numa grave crise econômica. O café vinha sofrendo sua primeira crise internacional; sua produção era maior que o consumo mundial, o que provocou a queda nos preços. Conseqüentemente, houve a crise cambial e alta inflação.

Quitar a dívida externa, amontoada pela desvalorização dos mil-réis e pela queda dos preços do café era impossível.

O presidente do período, Campos Sales, pediu orientação ao Ministro da Fazenda, Joaquim Murinho, que considerava que o problema seria solucionado com a deflação, a contenção de despesas, o aumento de impostos e o abandono das obras públicas.

Para contar com o apoio do Congresso, o presidente negociou com os principais governadores, iniciando a “política dos governadores”. Os governos federais assegurariam uma aliança política com os governos dos estados de menor representação, apoiando o setor dominante das oligarquias locais. O presidente sustentaria os grupos de poder oligárquicos dentro dos estados e estes, em troca, garantiriam os candidatos leais a ele.

O plano deu certo, mas sempre há determinados grupos da sociedade que acabam sendo prejudicados. Houve falência no comércio, na indústria, nos bancos, desemprego, aumento dos impostos e muita indignação da população.

No cenário de São Paulo, começam a surgir modificações socioeconômicas, urbanísticas, físicas e demográficas. A antiga cidade de barro torna-se “metrópole do café”.

A partir de 1872, com o governo de João Theodoro de Mattos, há uma transformação na infra-estrutura de São Paulo, com a abertura de novas ruas, prolongamentos de antigas estradas, criação de jardins públicos, etc. Assim, o governo conseguia os capitalistas da província.

Com a necessidade de transportar o café do interior para o porto de Santos, foram-se expandindo as estradas de ferro. As linhas iam cortando o estado até chegar à capital. Com a extinção do sistema escravista, a imigração solucionou o problema da mão-de-obra para a agricultura, pois a riqueza e o progresso do país dependiam do café. Desta maneira, o governo estimulou a vinda dos imigrantes com destino às fazendas do café.

Embora a economia fosse direcionada para a exportação de produtos agrícolas, durante esse período há um grande desenvolvimento da indústria brasileira. Parte da mão-de-obra dessas indústrias é européia, acostumada com o processo industrial.

O capital, fundamentalmente, vinha de setores relacionados ao café. Este era a base da indústria e logo se favorece com o desenvolvimento dos transportes e a organização comercial. Surgem fábricas que produzem uma série de produtos diferentes.

Em São Paulo, ocorreu o mesmo processo de urbanização e expulsão da população pobre tal como no Rio de Janeiro, demolindo-se casas e favelas, para prolongar ruas ou ampliar largos e praças.

Belo Horizonte também passou por situação semelhante. O governo decretou uma lei que estabelecia a mudança da capital para a cidade, que deveria ser edificada no Arraial de Belo Horizonte.

Nessa virada de século, devido às muitas inovações tecnológicas, houve uma transformação nos costumes e hábitos da sociedade, conforme veremos no terceiro capítulo.

### ***Rio de Janeiro***

Em agosto de 1893, tem início, no Rio de Janeiro, a Revolta da Armada, sob a liderança de Custódio de Mello (esta revolta vai aparecer como pano de fundo no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*). Um dos motivos do conflito foi a disputa pelo poder entre os oficiais do Exército e da Marinha, representantes de grupos sociais distintos: enquanto a força terrestre reunia basicamente elementos dos setores médios, a Marinha, uma corporação mais elitista, representava as classes oligárquicas. Outro fator foi o projeto presidencial do próprio Custódio de Mello: o almirante queria suceder a Floriano, mas este apoiava o civil Prudente de Moraes.

No dia 13 de setembro de 1893, navios da armada bombardearam a cidade do Rio de Janeiro, contando com o apoio de São Paulo e da população. O governo tratou de organizar uma reação à revolta. Os rebeldes não puderam resistir à contra-ofensiva governamental.

Em 1902, após o governo Campos Sales, Rodrigues Alves é eleito. Com o objetivo de transformar a cidade do Rio de Janeiro numa atração de interesses internacionais, Rodrigues Alves criou um projeto com três finalidades: a modernização do porto, com Lauro Muller; o saneamento da cidade, com Oswaldo Cruz; e a reforma urbana, com o engenheiro Pereira Passos.

O saneamento da cidade ficou sob a responsabilidade do jovem Oswaldo Cruz. Alegando o combate de epidemias, como a febre amarela e a varíola, os vacinadores invadiam as casas dos habitantes da cidade, com o objetivo de exterminar focos dos mosquitos causadores de tais doenças.

Em 1904, o governo decretou a vacinação obrigatória. Lembrando que se vivia uma época em que a moral e a ordem familiar eram muito prezadas, a população não aceitava a vacinação e acreditava que a vacina trazia graves riscos de contaminação.

Assim, muitas pessoas agrediam os vacinadores e, desta maneira, a cidade transformou-se num campo de batalha. Essa revolta ficou conhecida como a Revolta da Vacina.

A reforma urbana trouxe modernidade para a cidade. Um marco dessa modernidade foi a “nova avenida Central”, símbolo do projeto de urbanização do Rio de Janeiro. Paralelamente, ocorreu o que ficou conhecido como “o bota-abaixo”; política que consistiu na expulsão da população pobre que vivia nos casarões do centro, demolindo residências e disseminando favelas e cortiços.

Na obra *Morro do Castelo Branco (1997)*, Lima Barreto comenta: “*De uma hora para outra a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por mutação de teatro. Havia mesmo na coisa muita cenografia.*”

Apesar do desenvolvimento paulista, o Rio de Janeiro não perdeu suas características de centro cultural e político do país.

O bonde foi um dos motivos da nova mudança de hábitos da sociedade carioca. A linha do bonde ligava o Largo do Machado à rua Gonçalves Dias. O bonde facilitava a saída de casa e o convívio social. Além de permitir uma bela visão da cidade, aliviava o calor. Junto com tantos benefícios, o bonde também causava conflitos. Muitas vezes o motorista não possuía troco para dar aos passageiros, gerava acidentes e também havia a superlotação.

A moda francesa, que já estava presente na sociedade carioca durante a monarquia, também se fazia presente na República. A maior parte dos acessórios, por exemplo, roupas e perfumes, eram importados da França.

No campo da diversão, surgiam o jogo do bicho e o circo. Este era dividido em classes, através da separação de lugares: camarotes, cadeiras, geral e arquibancada.

Além disso, construíam-se novos teatros. O Teatro Municipal é inaugurado no Rio de Janeiro, em 1909.

No rol da literatura, é fundado o jornal *Correio da Manhã*, em 1901, e em 1902, dois livros são publicados: *Canaã*, de Graça Aranha, e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. São também publicadas as obras *Tormenta*, de Coelho Neto (1901); *Luzia-homem*, de Domingos Olímpio (1903); *Dom Casmurro* (1900), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908), todas de Machado de Assis. No ano de 1909, surge Lima Barreto, com seu livro *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*.

Restaurantes e hotéis surgiam pela cidade carioca. A Avenida Central era a atração principal da cidade, onde se localizavam os principais cafés e lojas. Era também o local mais apropriado para passeios de fim de tarde. Logo, a “grande avenida” era muito movimentada.

A virada do século foi, assim, cheia de novidades e invenções, colaborando para o progresso do país em que hoje vivemos.

A seguir, veremos o papel da mulher nesse processo de modernização e mudanças sociais.

### **3. O papel da mulher na virada do séc. XIX/XX**

A imagem da mulher, durante a virada do séc. XIX/XX, era vista pela sociedade de uma forma bastante diferente da de como é vista nos tempos atuais.

Naquela época, as mulheres não eram consideradas cidadãs, pois seus direitos não eram respeitados; havia uma enorme inferioridade destas em relação aos homens.

Tal situação acabou gerando um inconformismo por parte da mulher moderna, que começou a reivindicar seus direitos e, por meio de determinadas atitudes (saídas freqüentes sem a presença do marido, o desejo pelo trabalho fora de casa), tentou romper com o tradicionalismo que estava presente na sociedade da época.

As mulheres passaram a ter voz na imprensa, publicando artigos que falavam sobre sua situação na sociedade, mostrando seus anseios de igualdade com os homens e explicitando a vida monótona e sem objetivos que levavam como donas-de-casa.

Assistindo às novas mudanças ocorridas na sociedade (a abolição da escravatura, a nova paisagem urbana, a vinda de imigrantes), homens e mulheres perceberam que a ordem familiar estava passando por um processo de destruição. Julgaram que a insatisfação das mulheres e os problemas relacionados à vida conjugal eram os responsáveis pelo processo de destruição do sistema familiar.

Assim, a sociedade passou a incentivar, através de reportagens de revistas e jornais, a função da mulher como mãe, esposa e dona-de-casa, declarando que somente desta maneira a mulher encontraria a felicidade. Desta forma, os médicos, a igreja, o Estado e a imprensa sustentavam a imagem da mulher como mãe, esposa e dona-de-casa.

O homem e a mulher tinham papéis definidos dentro do sistema em que viviam: o homem trabalhava fora e a mulher exercia as atividades domésticas e cuidava dos filhos.

Segundo o Código Civil de 1916, ao marido cabia prover a manutenção da família e à mulher restava a identidade social como esposa e mãe. Ao homem cabia a identidade pública; à mulher, a doméstica.

O trabalho masculino foi mais valorizado que as atividades realizadas pelas mulheres. E como conseqüência, o homem exercia função dominante na vida conjugal. Este não aceitava de nenhuma forma o trabalho feminino para ajudar no sustento da família. Muitas vezes,

quando os homens – os únicos provedores da família - eram incapazes de exercer suas funções, chegavam ao desespero e cometiam suicídios, pois o trabalho complementar da mulher para enfrentar os custos da família era considerado desonroso.

A mulher casada, em troca do sustento do marido, deveria conquistar o respeito da sociedade, evitando comentários ou ofensas à sua honra. Logo, a honra do homem perante a sociedade dependia principalmente do comportamento de sua esposa.

A *Revista Feminina*, na edição de abril de 1916, relata a relação entre marido e mulher, antes mesmo do casamento:

O oficiante antes de declarar a união pelos sagrados laços do matrimônio, faz uma prudente advertência aos noivos: “Se o senhor quer se casar com a senhora devo preveni-lo de que ela, como as demais mulheres, tem um dia ou mais de nervos por mês. Ao unir seus destinos à dona de seus mais caros sonhos, o senhor deverá comprometer-se a suportá-la com paciência nesses dias”.

E acautela a mulher: “Se a senhora está decididamente resolvida a casar-se, advirto-a, para sua segurança futura, de que o senhor, como todos os homens, poderá ter acessos de loucura transitória. Ou, digamos, de pronunciado mal-humor. Tal estado costuma durar pouco. Quase nunca excede a um dia, e é muito raro que se repita por mais de três ou quatro vezes por semana. Fica a noiva avisada de que para contrabalançar seu dia de nervos, terá que suportar o dobro em peso e medida, por parte de seu marido, que é o rei da criação e o chefe da família”. (Maluf e Mott, 2002, p.384)

Esse pequeno trecho representa a injustiça cometida com as mulheres antes mesmo da celebração do matrimônio. A esposa deveria suportar os próprios nervos e, com calma e paciência, suportar os “acessos de loucura transitória” do marido. Fica claro que, na época, o marido levava vantagem na maior parte das situações.

Muitas foram as tentativas para impedir a chegada da “modernização”, esta que era considerada a grande causadora da desorganização da vida conjugal. Mas apesar de tanto esforço contra a sua chegada, a tão falada “modernidade” já estava presente na sociedade brasileira.

Mudanças foram trazidas por essa modernização, principalmente em relação ao comportamento da mulher. Essas mudanças foram mostradas através da literatura, que defendia as inovações trazidas pela modernidade.

Estávamos chegando a uma época em que as mulheres desejavam romper com o tradicionalismo, elas ansiavam por liberdade e queriam a todo custo alcançar a famosa

independência. Apesar de toda essa vontade, o comportamento feminino transformava-se lentamente e ainda não abalava as normas familiares e sociais.

A sociedade incentivava o casamento a todo custo e considerava os homens solteiros uma ameaça ao matrimônio. Tal questão se tornou causa de polêmica, que atingia homens e mulheres.

É um erro funesto crer que a virgindade conserve o brilho da tez e os atrativos da juventude. A maior parte das mulheres que ficam virgens depois de ter atingido o desenvolvimento completo, são assaltadas por uma multidão de indisposições mortais, inimigas da beleza e da saúde. Na medida em que tardam a cumprir os deveres de amante e de mãe, sua pele tende a tornar-se terrosa e baça. Com mais freqüência que os indivíduos normais, os castos estão sujeitos a tornarem-se escravos de paixões tirânicas. A natureza nunca perde os seus direitos e a sua desforra é às vezes penosa. (Marestan, apud Maluf & Mott, 2002, p. 387).

Nas classes mais pobres da população havia uma grande quantidade de uniões amorosas informais. Este fato chamou a atenção tanto das classes média e alta, como da Igreja e dos conservadores. As elites consideravam essas uniões informais uma ameaça, julgando-as libertinas.

Os moralistas classificavam como ilegal qualquer relação entre homens e mulheres sem a confirmação do laço matrimonial. Diziam que o amor numa união informal era um “amor degenerado, espectro de amor, imitação de amor”; falavam com o objetivo de oficializar as uniões não legalizadas.

A sociedade traçava o perfil de ambos os sexos através de “meros reflexos de suas posições físicas no amor; um domina e penetra; a outra atrai, abre-se e recebe”.(Maluf e Mott, 2002)

Para a esposa cheia de virtudes, era essencial a bondade para realizar as vontades de seu esposo; mesmo antes de expressar seus desejos, a esposa deveria ser dedicada para cumprir os deveres que o casamento necessita e ser paciente para receber a fraqueza de caráter do marido. A esposa ideal ainda deveria ser simples, justa, modesta e humorada. O contrário desta seria a mulher modema, cheia de liberdades, usando roupas “indecentes”, vivendo aos beijos com homens, sempre pintada e exageradamente perfumada.

Durante a virada do séc. XIX/XX, a imprensa feminina destacava a necessidade da educação, discursando que modernismo não combinava com falta de instrução e baixo nível

de escolaridade. Desta forma, tentavam modificar o pensamento, o comportamento e o caráter das moças.

A educação e a instrução femininas passaram a ser incentivadas pela imprensa.

Apesar de tantas mudanças, o casamento ainda continuou sendo feito através de interesses familiares. Os interesses econômicos e de classe faziam com que os casamentos acontecessem entre as pessoas de mesmo nível social e econômico, pois a riqueza era considerada um critério de status mais importante que o próprio matrimônio.

No Rio de Janeiro e em São Paulo – onde viviam as camadas sociais mais elevadas do país -, a realidade feminina era diferente da realidade de outros estados brasileiros. Nesses dois estados, a maioria das mulheres convivia com maridos que não tinham emprego fixo. Essas mulheres exerciam serviços domésticos, cuidavam dos filhos e ainda realizavam várias atividades – bordado, costura, lavar e passar roupas – para sustentar a si mesmas e a sua família.

Diferentemente do que os médicos e juristas ensinavam, essas atividades eram muito pesadas e não eram propícias à fragilidade da mulher.

Após a primeira Guerra Mundial, as mulheres passam a reivindicar mais oportunidades de emprego. Essas reivindicações acabaram por promover a abertura de novas profissões para as brasileiras: professora, enfermeira, datilógrafa, taquígrafa, secretária, telefonista e operária. Mulheres casadas só poderiam trabalhar com autorização do marido.

Apesar de todas essas novidades, segundo as regras da sociedade, a mulher, mesmo trabalhando, deveria dirigir e distribuir as suas atividades de dona-de-casa, aproveitando o tempo da melhor maneira possível para que as atividades não fossem feitas às pressas.

A imprensa idealizava a mulher dona-de-casa, com sua cozinha toda em ladrilhos, sempre limpinha, cheia de panelas brilhantes dentro do panelheiro, o fogão elétrico, a pia com água encanada, luz abundante e a cozinheira impecável, bem vestida e de salto alto. Mas a realidade não era essa. As cozinhas eram um puxado da casa coberto por telhas, perto do quintal. Era um lugar quente, cheio de fumaça e engordurado. Para acender o fogão à lenha (era mais utilizado por ser mais econômico), a mulher ficava de cócoras e as moças mais inexperientes, quando socavam o pilão, ficavam com as mãos vermelhas e cheias de bolhas.

Dentro da cozinha, ao contrário do que muitos homens pensavam, era realizada uma tarefa cansativa, pesada e suja. Além de ser o local onde eram preparados diversos produtos, como o sabão, na cozinha guardava-se a bacia de tomar banho, fervia-se a água, dava-se banho nas crianças e passavam-se roupas. Passar e engomar roupa também era um trabalho cansativo; o ferro pesava de três a cinco quilos.

Mesmo o trabalho feminino sendo de grande importância, muitas mulheres não se encontravam satisfeitas nessas condições. A dependência econômica da esposa era muito incentivada, mas não era sinônimo de felicidade para a maioria das mulheres. Essa situação levava determinadas mulheres a tomarem empréstimos sem autorização do marido, a trabalharem escondido e até a roubarem o esposo.

A imprensa declarava que a mulher deveria economizar de todas as formas possíveis, e não deveria pedir dinheiro com frequência ao marido. Assim, a costura e os trabalhos manuais eram importantes atividades realizadas em casa.

Vale lembrar que a mulher era vista como a única responsável pelos serviços domésticos. Para ser considerada boa dona-de-casa, a mulher nunca deveria pedir ajuda ao marido no serviço doméstico. O dever da esposa seria livrá-lo de qualquer esforço.

Percebe-se que o papel da mulher na sociedade do período em questão era definido como mãe, esposa e dona-de-casa.

A sociedade estimulava a mulher a permanecer, sem declarar abertamente, nessa desigualdade de direitos com o homem, fazendo inúmeras justificativas, tais como sua inferioridade em relação ao homem e sua fragilidade

Entraremos, a seguir, no mundo ficcional feminino de Lima Barreto.

### 3.1 A Mulher na Obra de Lima Barreto

Para conhecer e entender o universo ficcional feminino de Lima Barreto, precisei mergulhar na leitura de suas obras (*Clara dos Anjos*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Os Bruzundangas*, *Cemitério dos Vivos*, *Diário do hospício*, *Os melhores contos de Lima Barreto*). Dentre os textos lidos, chamaram-me a atenção as personagens femininas de dois de seus romances – *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Clara dos Anjos* –, quer pela força da personalidade, quer pelas atitudes e comportamento, às vezes passivo, às vezes avançado para a época. Olga (personagem de *Triste fim de Policarpo Quaresma*) e Clara (personagem de *Clara dos Anjos*), estas duas, principalmente, aguçaram a minha curiosidade e despertaram em mim o desejo de estudá-las.

Nossas personagens femininas serão analisadas sob dois aspectos, extremamente rígidos na época: o casamento e a educação. Antes de analisá-las, apresentarei um breve resumo dos romances em questão.

## *Clara dos Anjos*

quando a manhã madrugava  
calma  
alta  
clara  
clara morria de amor  
    faca de ponta flor e flor  
    cambraia branca sob o sol  
    cravina branca amor  
    cravina e sonha  
a moça chamada clara  
água alma  
lava  
alva cambraia no sol  
    galo cantando cor e cor  
    pássaro preto dor e dor  
    um marinheiro amor  
    distante amor  
    e a moça sonha só  
    um marinheiro sob o sol  
    onde andará o meu amor  
    no mar amor  
    no mar ou sonha

se ainda lembra o meu nome  
longe  
longe  
longe  
onde estiver numa onda num bar  
numa onda que quer me levar  
para um mar de água clara  
clara  
clara  
clara  
ouço meu bem me chamar  
    faca de ponta dor e dor  
    cravo vermelho no lençol  
    cravo vermelho amor  
    vermelho amor  
    cravina e galos  
    e a moça chamada clara  
    clara  
    clara  
    clara  
    alma tranqüila de dor

Caetano Veloso. In: *Literatura comentada*.  
São Paulo, Abril Educação, 1981. pp49-50.

### **3.1.1 Clara dos Anjos**

Clara dos Anjos é uma jovem pobre e mulata, que vive no subúrbio carioca com seus pais, Joaquim e Engrácia. Seu pai era carteiro e gostava de modinhas. Tocava flauta e compunha valsas; passava as tardes de domingo jogando cartas com seus dois amigos, seu compadre Marramaque e Eduardo Lafões.

Clara tinha dezessete anos e foi criada com muita cautela e carinho, só saía com a mãe, com o pai e com Dona Margarida, sua vizinha.

Durante uma festa na casa de seu Joaquim, Cassi, conhecido por ser farsante e ousado com as mulheres, corteja Clara. O padrinho Marramaque tenta afastá-lo de Clara, deixando visível que ele não era bem-vindo.

Cassi se vingava juntando um grupo de amigos para espancar Marramaque, que acaba morrendo. Clara suspeita de Cassi, que consegue convencê-la de que havia cometido o crime por amor a ela.

Cassi já havia se metido com outros problemas antes e sempre fora protegido por sua mãe ou por conhecidos. Assim, conseguia subornar a polícia.

Clara engravida do rapaz e este some pelo mundo. Convencida por Dona Margarida, fala para sua mãe que está grávida. Procura a família de Cassi e pede satisfações à mãe do rapaz. Esta humilha Clara por, sendo negra, pretender se casar com seu filho. Desta forma, a menina percebe que vive numa sociedade injusta e preconceituosa, onde pobres e negras não eram “nada nesta vida”.

## **Clara, Engrácia, Dona Margarida, Dona Castorina, Catarina e Irene**

### **▪ Casamento**

#### **Clara**

A personagem Clara, assim como a maioria das moças de seu tempo, desejava casar-se com um bom partido. A sua intenção era tornar-se dependente do marido, desejando seguir os costumes da sociedade em que vivia. Pensava em se tornar esposa, mãe e dona-de-casa, seguindo o caminho de tantas outras mulheres.

Devido a constante vigilância da mãe, tinha um grande medo de ficar solteira. Esse medo apressava a moça a aceitar qualquer partido que lhe parecesse agradável aos olhos.

(...) O seu ideal na vida não era adquirir personalidade, não era ser ela, mesmo ao lado do pai ou do futuro marido. Era constituir função do pai, enquanto solteira, e do marido, quando casada. (Barreto, 1998, p. 89)

(...) O que queriam fazer dela? Deixá-la ficar para “tia” ou fazê-la freira? E ela precisava casar-se? Era evidente: sua mãe e seu pai tinham, pela força das coisas, que morrer antes dela; e, então ela ficaria pelo mundo desamparada? (Barreto, 1990, p.37)

#### **Engrácia**

Dona Engrácia retrata o perfil feminino característico da época. Casada com seu Joaquim, sua função é exercer as atividades domésticas e cuidar rigidamente de sua filha, Clara. Engrácia é completamente dependente de seu marido; é conformada e está satisfeita com a vida que leva. A forma de viver da mãe de Clara é semelhante à maneira de viver da maior parte das mulheres da época. Através dessa personagem, Lima Barreto confirma a condição da mulher no período estudado, mostrando que seu papel era casar, ter filhos e cuidar dos afazeres domésticos.

Muito boa, muito honesta, ativa no desempenho dos trabalhos domésticos; entretanto, era incapaz de tomar uma iniciativa em qualquer emergência. Entregava tudo ao marido, que, ao bem dizer, era quem dirigia a casa. (Barreto, 1990, p.53)

## **Dona Margarida**

Lima Barreto, ao criar a personagem Dona Margarida, tenta fugir do padrão feminino da época. A mulher viúva, muitas vezes, se tornava dependente de seus familiares após a morte do cônjuge. No entanto, Dona Margarida torna-se viúva cedo e transforma-se numa mulher independente e corajosa. Este fato a torna mais respeitada perante os outros, principalmente pelo seu caráter e sua força de vontade.

Casaram-se, e ele morreu dois anos depois, após o casamento, de tuberculose pulmonar, deixando-lhe o filho, Ezequiel, que não a largava.(...) Costurava para fora, bordava, criava galinhas, patos e perus, e mantinha-se serenamente honesta. Era respeitada pela sua coragem, pela sua bondade e pelo rigor de sua viuvez. (Barreto, 1990, pp. 44-5)

Para Vasconcellos (1999), “Dona Margarida foge ao protótipo da mulher brasileira do seu tempo. Seu posicionamento perante a vida encontra-se relacionado ao fato de ser de origem européia.”

## **Irene e Catarina**

Em algumas passagens do romance, o autor deixa clara a questão do casamento motivado por interesses econômicos e/ou sociais. A maioria das moças desejava casar-se com homens ricos, capazes de proporcionar a elas todos os luxos; desta forma, pensavam obter uma vida supostamente feliz e confortável.

Eram menos vaidosas do que a mãe; mas muito mais ambiciosas, em matéria de casamento. (...)Catarina e Irene sonhavam casar com doutores, bem empregados ou ricos, porque elas se julgavam prestes a se “formar”, a primeira em música e piano, pelo trampolheiro Instituto Nacional de Música, e a segunda, pela indigesta Escola Normal desta Capital. (Barreto, 1990, p. 25)

## **Dona Castorina**

Outra mulher que também representa muito bem o perfil feminino característico da época é Dona Castorina. Ao longo do seu casamento com Leonardo Flores, enfrentou sofrimentos e dificuldades devido ao trabalho que seu marido lhe proporcionava. Além de cuidar das tarefas domésticas e dos filhos, era preciso saber lidar com os problemas do marido, como o alcoolismo. Apesar dessa situação, nunca reclamou de seu esposo, exercendo a sua função de boa esposa, sempre tratando o cônjuge da melhor maneira possível. Mas a tristeza que existia dentro dessa mulher era percebida por todos.

Estava avelhantada, gasta, já não pela idade que não podia ser ainda de 50 anos, mas pelos trabalhos porque tinha passado com o marido, mais do que com os próprios filhos. Nunca se lhe ouvia um queixume, nunca articulou uma acusação contra Flores. Sofria todos os desmandos do marido com resignação e longanimidade. Esse seu gênio, esse seu temperamento de doçura e perdão em face da exaltação, da exacerbação, até quase delírio, do marido, fizera que este produzisse o que produziu. Não fora ela, aquela pequena mulata, magra, de olhos negros e tristes, rindo-se sempre com uma profunda expressão de melancolia; não fora aquela humilde mulatinha, que estava ali defronte de Meneses, talvez Flores não fizesse nada. (Barreto, 1990, p. 84)

Segundo Vasconcellos (1999), “Dona Castorina sintetiza a compreensão da mulher para com o marido. O narrador, ao focar seu relacionamento com Leonardo Flores, valoriza seu papel de esposa, seu devotamento e seu espírito de concórdia. Estava sempre disposta a fazer concessões para proporcionar o melhor para Flores.”

## **Mme. Bacamarte**

O casamento obrigatório era muito comum na época. O autor, ao falar sobre essa questão, usa a personagem Rosalina, mais conhecida como Mme. Bacamarte, mostrando todo tipo de sofrimento a que a mulher casada estava exposta.

Rosalina sofria muito e passou a beber junto com o marido. O seu destino foi a tentativa de suicídio, motivado pelos problemas que a vida lhe causou. Lima Barreto tenta

demonstrar que a mulher que casava obrigada, devido à desonra, tinha um destino triste e inevitável.

Era verdadeiramente infeliz, essa rapariga. Seduzida em tenra idade, a polícia obrigou o sedutor a casar-se com ela. Nos três primeiros anos, as coisas correram mais ou menos naturalmente. Ao fim deles, devido a reveses, o marido começou a emburrar com ela, a atribuir-lhe toda a sua desgraça, a espancá-la, mas dando alguma coisa com que ela se sustentasse e aos filhos. (Barreto, 1990, p.56).

Segundo Vasconcellos (1999), “em *Clara dos Anjos*, mulheres da classe inferior são seduzidas e levam uma vida miserável. Algumas foram abandonadas, enquanto outras lograram casar-se. Isto, contudo, só se concretizou porque o homem, para se livrar da coação judicial, aceitou o casamento”.

## ▪ Educação

### Clara

A mãe de Clara, dona Engrácia, devido a pouca instrução que recebera, educou sua filha de maneira errônea. Tentando protegê-la dos perigos do mundo, Engrácia era incapaz de informar a sua filha qualquer aspecto da vida feminina que pudesse ajudá-la a entender melhor o que se passava dentro dela naquele momento tão cheio de mudanças e novidades: a adolescência.

A vigilância sobre a mulher como forma de evitar a sedução é freqüente em *Clara dos Anjos*. No romance, o narrador critica este aspecto da educação ministrada às moças, chamando a atenção para o fato de que os pais deveriam esclarecer suas filhas ao invés de resguardá-las.

Assim, Dona Engrácia acabou por prejudicar sua filha, pois não permitiu que Clara fosse capaz de adquirir a mínima experiência, não podendo, desta forma, lidar com os problemas decorridos da sua condição e sexo. Essa situação a impediu de ver o mundo com os olhos da realidade; Clara criou um mundo cheio de sonhos e ilusões, um mundo imaginário.

Enganava-se com a eficiência dela; porque, reclusa, sem convivência, sem relações, a filha não podia adquirir uma pequena experiência da vida e notícia das abjeções de que está cheia, como também a sua pequenina alma de mulher, por demais comprimida, havia de se extravasar em sonhos, em sonhos de amor, de um amor extra-real, com estranhas reações físicas e psíquicas. (Barreto, 1990, p.54)

Raramente saía, a não ser para ir bem perto, à casa de Dona Margarida, aprender a bordar e a costurar, ou com esta ir ao cinema e a compras de fazendas e calçado. (Barreto, 1990, p.43)

A personagem Clara não se preocupa em estudar alguma profissão para, um dia, tornar-se uma mulher independente. Ela poderia dedicar-se à música ou às atividades manuais – ofícios comuns para a mulher da época. Tais atividades poderiam render-lhe algum dinheiro. O pensamento da personagem andava lado a lado com o pensamento da sociedade; a menina achava que, como mulher, ganhar dinheiro com suas próprias mãos não era algo visto com bons olhos.

A muito custo, devido às insistências de Dona Margarida, consentira em ajudá-la nos bordados trabalhados para fora, com o que ia ganhando algum dinheiro. Não que ela fosse vadia, ao contrário; mas tinha um tolo escrúpulo de ganhar dinheiro por suas próprias mãos. Parecia feio a uma moça ou a uma mulher. (Barreto, 1990, p.90)

Segundo Vasconcellos (1999), “o narrador de *Clara dos Anjos* tem consciência de que só o trabalho poderia libertar a mulher da situação de apêndice do homem, tanto assim que censura Clara por sua falta de ambição profissional e por preferir manter-se dentro dos padrões sociais”.

## **Engrácia**

A mulher, desde o seu nascimento, estava destinada a casar, exercendo seu papel de esposa, mãe e dona-de-casa até o fim de sua vida. Os estudos não tinham tanta importância como o casamento, as moças preferiam cuidar das questões relacionadas ao matrimônio a cuidar da sua instrução, podendo um dia serem independentes.

Na verdade, o termo “independente” não fazia parte do vocabulário de muitas mulheres na virada do século XIX/XX. O ideal para a época era a mulher como esposa, sem

trabalhar fora, tornando-se cada dia mais dependente e submissa ao marido. Assim, cuidava dos filhos e das tarefas domésticas e, seguindo o pensamento da sociedade, algumas mulheres achavam-se satisfeitas e felizes com a vida que levavam.

Outras, no entanto, lutavam pela independência, mas não podiam fugir às regras determinadas pela sociedade.

Engrácia recebeu boa instrução, para sua condição e sexo; mas logo, se casou – como em geral acontece com as nossas moças –, tratou de esquecer o que tinha estudado. (Barreto, 1990, p.53)

# Triste fim de Policarpo Quaresma

Maria, Maria, é um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta  
Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri quando deve chorar  
E não vive, apenas agüenta  
Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria, mistura a dor e a alegria  
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania de ter fé na vida.

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

### **3.1.2 Triste Fim de Policarpo Quaresma**

Policarpo Quaresma trabalha no Arsenal de Guerra, como subsecretário; vive no subúrbio do Rio de Janeiro com sua irmã, Adelaide. Sendo extremamente patriota e nacionalista, inicia seu primeiro projeto de vida, que tem como objetivo estudar tudo o que seja de origem nacional: a música, a dança, a comida e a língua verdadeiramente brasileira. Assim, desenvolve um projeto em que adotaria a língua tupi-guarani como língua oficial do Brasil e entrega-o para a Câmara dos Deputados. É tido como louco e é internado no hospício.

Ao sair de lá, compra um sítio no interior do Rio de Janeiro e começa uma nova vida. Aqui, inicia seu segundo projeto de vida, dedicando-se completamente à agricultura. E põe em prática a sua teoria sobre as terras brasileiras, pois acreditava serem as mais férteis do mundo. Mas nem tudo dá certo. As formigas acabam com as suas plantações. Decepcionado, Quaresma volta para a cidade.

Ao saber que estava acontecendo no Rio de Janeiro a Revolta da Armada, decide viajar e incorporar-se ao governo do Marechal Floriano Peixoto; vai para a guerra lutar pela sua “grande e maravilhosa” pátria. Lá, presencia todos os sofrimentos possíveis e, após ver uma execução injusta feita por seus companheiros de exército, manda uma carta ao presidente expressando toda a sua indignação. É preso e fuzilado.

## **Olga, Ismênia e Adelaide**

### **▪ Casamento**

#### **Ismênia**

Quando pensava que seu casamento já era certo, é abandonada pelo noivo. Abalada com o fato, Ismênia, por pobreza de espírito, passa a ter surtos de loucura. Sentindo-se incapaz de arranjar e conquistar um outro pretendente, desiste de casar com qualquer rapaz.

Com o passar do tempo, essa idéia perturba-lhe a mente, a ponto de enlouquecer. Aos poucos vai definhando, emagrece, perde as forças e a loucura toma conta não só de sua mente como de seu corpo. E ao pressentir que estava chegando a hora da morte, faz um último pedido à mãe: que fosse enterrada vestida de noiva. Morre alguns dias depois.

Para Vasconcellos (1999), “Ismênia é a personagem de Lima Barreto que melhor encarna o mito do casamento”.

O assunto “casamento” era bem-vindo a qualquer hora, local ou situação. A prova disso é que durante o enterro de Ismênia, uma de suas irmãs comenta sobre o local em que ela iria comprar seu enxoval.

Nesta obra, Lima Barreto apresenta de forma detalhada o casamento, revelando, como em *Clara dos Anjos*, através de determinadas personagens, a visão da sociedade da época a respeito do matrimônio. A união amorosa era fundamental para qualquer mulher que desejasse conquistar um lugar respeitável dentro do sistema social em que vivia.

O casamento não era realizado quando existiam sentimentos, como amor ou paixão, entre o casal; o mesmo era feito por meio de interesses econômicos e, muitas vezes, era somente permitida a união com pessoas de mesmo nível social.

Ainda de acordo com Vasconcellos (1999), “a existência do dote vem confirmar que, muitas vezes, o contrato nupcial não passava de um intercâmbio de riquezas. Por meio dele a moça transferia ao marido parte dos bens de sua família. A vontade dela, o seu interesse pessoal, nem sempre eram levados em consideração, o que valia era o interesse masculino, de um lado o do pai, do outro, o do marido – esses é que faziam a transação; daí a importância do dote.”

Lima reafirma que o principal objetivo da maior parte das mulheres da época era casar-se. A partir daí, a mulher começaria verdadeiramente a “viver”; teria filhos, cuidaria da casa e viveria “feliz” com o marido. Então, desde criança, as moças ouviam o mesmo discurso sobre o casamento: deveriam aprender a exercer os serviços domésticos com eficiência, cozinhar muito bem e aprender a cuidar com amor e carinho dos seus filhos, se desejassem ter um casamento bem sucedido.

As moças da época casavam-se por simples tradição e costume social, não importava se sentiam ou não algo pelo pretendente. Estavam preocupadas com o fato de casarem-se e constituírem família. Não importavam, para essas mulheres, as alegrias da vida.

Intimamente ela não se incomodava. Na vida, para ela, só havia uma coisa importante: casar-se; mas pressa não tinha, nada nela a pedia. Já agarrara um noivo, o resto era questão de tempo... (Barreto, 1998, p.29)

A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele – “porque quando você se casar...” – e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento.(Barreto, 1998, p.41)

Antes mesmo de se casarem, as moças sabiam tudo o que dissesse respeito ao casamento; conheciam as melhores lojas, os locais que vendiam mais barato, onde tinha os produtos mais bonitos, enfim todas as coisas necessárias para fazer o enxoval.

Tratava-se do enxoval. Todas elas, embora solteiras, davam conselhos, sabiam as casas barateiras, as peças mais importantes e as que podiam ser dispensadas. Estavam ao par. (Barreto, 1998, p.44)

Em algumas situações, os pais ansiavam mais o casamento que a própria filha, pois achavam que o seu “dever estaria cumprido” a partir do momento em que entregassem a moça ao marido.

Enfim – dizia Albermaz à mulher, na noite do pedido, quando já recolhidos – a coisa vai acabar. Felizmente, respondia-lhe Dona Maricota, vamos descontar esta letra. (Barreto, 1998, p.42)

O escritor apresenta o casamento como tradição ou costume social, através da personagem Ismênia, que se casa simplesmente para não ser a “tia” e evitar uma situação desonrosa para a família e para ela mesma, qual seja, ficar solteira.

A mulher solteira, na virada do séc. XIX/XX, era mal vista aos olhos do sistema social vigente.

(...) Decididamente, estava condenada a não se casar, a ser tia, a suportar durante toda a existência esse estado de solteira que a apavorava.(Barreto, 1998, p.70)

Lima relata que o casamento era algo tão importante para as moças que, caso não pudessem realizá-lo, chegavam muitas vezes à loucura.

A família praticamente obrigava as meninas, desde pequenas, a se casarem a qualquer custo, e estas, conforme já foi dito, viam no casamento o principal objetivo de suas vidas. Caso o matrimônio, por qualquer motivo, não fosse realizado, seria um grande trauma, uma enorme desgraça e um eterno desgosto para a mulher.

O estado civil da mulher era preocupação constante da família e até do grupo social a que pertencia. Não havia como obrigá-la a casar-se. Existia, sim, um processo de educação e socialização que a induzia a pensar que permanecer solteira era vergonhoso. (Vasconcellos, 1999)

De natureza muito pobre, sem capacidade para sentir qualquer coisa profunda e intensamente, sem quantidade emocional para a paixão ou para um grande afeto, na sua inteligência a idéia de casar-se se incrustou teimosamente como uma obsessão. (Barreto, 1998, p.158)

## **Olga**

Olga, apesar de ser uma moça doce e delicada, mostra-se, ao defender seu padrinho, Policarpo, da morte, ser uma mulher de atitude e audaciosa.

Para tentar salvar Quaresma, Olga enfrenta as ordens de seu marido, inicia uma pequena discussão com ele e vai ao palácio tentar falar com Floriano.

Nesta época, a mulher era submissa ao marido, jamais poderia desobedecer às suas ordens. Entretanto, a personagem Olga rompe com esse tradicionalismo. Essa atitude enobrece a moça, pois a diferencia de todas as mulheres do período. Olga é considerada, aos olhos do autor, uma mulher à frente de seu tempo: independente e consciente das injustiças sociais cometidas. Não tinha a mesma essência das outras mulheres, não se preocupava com a casa e o marido, e sim com o outro, possuía uma solidariedade inexplicável; existia uma grandeza de espírito presente na moça que a diferenciava de todas as outras.

O casamento também é muito bem representado através da personagem Olga. Ela iria casar-se com um rapaz que mal conhecia e não sentia a menor afeição por ele. A moça casar-se-ia por tradição e costume da sociedade em que vivia.

E tinha razão em se casar sem obedecer a sua concepção. É tão difícil ver nitidamente num homem, de vinte a trinta anos, o que ela sonhara que era bem possível tomasse a nuvem por Juno... Casava por hábito de sociedade, um pouco por curiosidade e para alargar o campo de sua vida. (Barreto, 1998, p. 66)

A curiosidade que a leva ao altar pode ser vista como o desejo da mulher de conhecer o sexo, uma vez que a sociedade da época ditava como padrão moral a abstinência sexual feminina antes do casamento..

É certo que o narrador de *Triste fim*, ao dizer que Olga se casava por curiosidade, não advogava para ela experiências sexuais antes do matrimônio. O que podemos afirmar é que defendia para o sexo feminino maior autonomia, maior conhecimento do mundo que a rodeava. (Vasconcellos, 1999, p.40)

À época, a maioria das moças desejava casar-se o mais rápido possível. Quando encontravam um pretendente de respeito considerado um bom partido e se estivessem de comum acordo, o mesmo pediria a mão da moça em casamento. O matrimônio era realizado independente dos sentimentos existentes entre os noivos e, muitas vezes, o rapaz e a moça tinham que fazer parte do mesmo círculo social.

Ela pronunciou este “ahn” muito longo e profundo, como se pusesse nele tudo que queria dizer sobre o caso. Via bem o que fazia o desespero da moça, mas via melhor a causa, naquela obrigação que incrustam no espírito das meninas, que elas se devem casar a todo custo, fazendo do casamento o pólo e fim da vida, a ponto de parecer uma desonra, uma injúria ficar solteira.

O casamento já não é mais amor, não é maternidade, não é nada disso: é simplesmente casamento, uma coisa vazia, sem fundamento nem na nossa natureza nem nas nossas necessidades. (Barreto, 1998, p.156)

O lado romântico da relação conjugal era fator de somenos importância. Em nenhum momento, o narrador fala da necessidade ou da vontade de amar e da situação emocional da personagem; o que importava era o estado civil: casada. (Vasconcellos, 1999, p.32)

## **Adelaide**

Apesar da idéia de casamento rondar a mente da maioria das moças da época, existiam exceções. Havia mulheres que não desejavam se casar, pois se sentiam felizes solteiras, consideravam a vida algo simples, não tinham paixões e levavam uma vida modesta. Como exemplo desse perfil feminino, o autor criou a personagem Adelaide. Com mais de cinquenta anos, solteira, vivendo junto com o irmão, Policarpo, exercendo atividades domésticas em casa, Adelaide vivia muito feliz assim.

Para Dona Adelaide, a vida era coisa simples, era viver, isto é, ter uma casa, jantar e almoço, vestuário, tudo modesto, médio. Não tinha ambições, paixões, desejos. Moça, não sonhara príncipes, belezas, triunfos, nem mesmo um marido. Se não casou foi porque não sentiu necessidade disso; o sexo não lhe pesava e de alma e corpo ela sempre se sentiu completa. (Barreto, 1998, p.106)

Para Vasconcellos (1999), “a posição de Adelaide diante de uma união conjugal contrasta em tudo com a de Ismênia. Ambas foram educadas dentro dos mesmos padrões

sociais, ou seja, os que enalteciam o papel da mulher como esposa e mãe. O narrador, ao informar que Dona Adelaide, apesar de solteira, sentia-se completa, tem uma concepção bastante avançada para a época”.

## ▪ Educação

### Olga

Olga é uma personagem que possui uma personalidade forte, diferente das outras moças. Lima Barreto, assim como faz com Dona Margarida (em *Clara dos Anjos*), tenta explicar essa personalidade através de suas origens européias, pois a personagem sempre recebeu uma educação comum às outras moças.

Essa admiração (a que sentia pelo padrinho Policarpo Quaresma) não lhe vinha da educação. Recebera a comum às moças de seu nascimento. Vinha de um pendor próprio, talvez das proximidades européias de seu nascimento, que a fizeram um pouco diferente das nossas moças. (Barreto, 1998, p.39)

O narrador, em algumas passagens do romance, demonstra a preocupação e o interesse da personagem Olga com os problemas sociais da época.

E todas essas questões desafiavam a sua curiosidade, o seu desejo de saber, e também a sua piedade e simpatia por aqueles párias, maltrapilhos, mal alojados, talvez com fome, sorumbáticos... (Barreto, 1998, p.102)

O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre... Por que, ao redor dessas casas, não havia culturas, uma horta, um pomar? (Barreto, 1998, p.102)

Olga sentia-se diferente das moças da sua idade. Não fizera do casamento o seu objetivo maior na vida. Interessava-se pelos livros, pelo conhecimento e gostava de escrever. Talvez por isso se identificasse com o padrinho, Policarpo Quaresma.

Ela tinha um gabinete, com todo o luxo, livros, secretária, estantes, mas gostava pela manhã, de escrever ali, ao lado do pai. A sala lhe parecia mais clara, a vista para a montanha feia e esmagadora, dava mais seriedade ao pensamento e a vastidão da sala mais liberdade no escrever. (Barreto, 1998, pp.124-5)

Ao saber que seu padrinho corria risco de vida, Olga procura uma solução. Pensa no marido, mas logo lembra-se da ambição presente em Armando e sabe que ele não o ajudaria.

Ricardo Coração-dos-outros propõe que Olga tome uma iniciativa sozinha. Ela consente, mostrando ser uma mulher cheia de iniciativa e audaciosa.

Ele então pensou com admiração naquela moça que por simples amizade se dava a tão arriscado sacrifício, que tinha a alma tão ao alcance dela mesma e a sentiu bem longe desse nosso mundo, deste nosso egoísmo, dessa nossa baixaza e cobriu a sua imagem com um grande olhar de reconhecimento. (Barreto, 1998, p.180)

## **Adelaide**

Esta personagem representa, em relação à educação, a maioria das mulheres de seu tempo. Foi educada em casa, sem convívios; logo, tornou-se uma mulher inexperiente. Dependia do pai e, com a morte do mesmo, passou a depender do irmão, Policarpo.

A velha irmã, atarantada, atordoada, sem direção, sem saber que alvitre tomar. Educada em casa sempre com um homem ao lado, o pai, depois o irmão, ela não sabia lidar com o mundo, com negócios, com as autoridades e pessoas influentes. (Barreto, 1998, p.84)

Devido a sua criação, transformou-se em uma mulher completamente dependente, sem iniciativa, incapaz de pensar por si própria, sempre apoiada no irmão e no pai. Não podemos esquecer que a educação do homem, nessa época, era privilegiada. Ele é que era estimulado a pensar, a estudar, a formar-se, a trabalhar.

Era uma bela velha, com um corpo médio, uma tez que começava a adquirir aquela pátina da grande velhice, uma espessa cabeleira já inteiramente amarelada e um olhar tranqüilo, calmo e doce. Fria, sem imaginação, de inteligência lúcida e positiva, em tudo formava um grande contraste com o irmão; contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem tampouco uma penetração perfeita.(Barreto, 1998, p.106)

Adelaide, como todas as mulheres de sua época, dedicava-se às atividades domésticas e às manuais.

Dona Adelaide esteve algum tempo com os olhos baixos, seguindo a costura que fazia... (Barreto,1998, p.112)

Dona Adelaide, a irmã de Quaresma, entrou e convidou-os a irem jantar.A sopa já esfriava na mesa, que fossem!

O Senhor Ricardo há de nos desculpar, disse a velha senhora, a pobreza do nosso jantar. Eu lhe quis fazer um frango com *petit-pois*, mas Policarpo não deixou. Disse-me que esse tal *petit-*

*pois é estrangeiro e que eu o substituísse por guando. Onde é que se viu frango com guando?*(Barreto, 1998: p.26)

## **Ismênia**

Diferentemente de Olga, Ismênia fez do casamento seu ideal de vida. Como este fracassou – foi abandonada pelo noivo -, acabou enlouquecendo, uma vez que via ir por água abaixo a sua única motivação de viver.

A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa coisa: casar. (Barreto, 1998, p.41)

## Conclusão

Ao elaborar esta pesquisa, percebi algumas semelhanças entre as personagens femininas das duas obras estudadas: *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Clara dos Anjos*. Nos dois romances, encontra-se presente a questão do casamento como objetivo principal na vida das mulheres; a função da mulher na sociedade vigente era casar, ter filhos e cuidar das atividades domésticas. Tanto em *Triste fim de Policarpo Quaresma* quanto em *Clara dos Anjos*, Lima Barreto explicita, de forma detalhada, as questões relativas ao matrimônio, discordando, em alguns aspectos, sobre determinadas medidas a respeito da união conjugal.

Outra semelhança presente nessas duas obras é a maneira como a mulher solteira era vista pela sociedade. Através das personagens Ismênia e Clara, o autor representa o medo que existia por parte das moças da época de permanecerem solteiras. E demonstra as conseqüências (como por exemplo, a loucura de Ismênia) dessa pressão existente na sociedade, em relação ao casamento.

Lima Barreto denuncia em seus romances, através de suas personagens femininas, a situação da mulher na sociedade brasileira na virada do séc. XIX/XX. Ele explicita a maneira como a sociedade determinava à mulher uma função (mãe, esposa e dona-de-casa) que a incapacitava de tornar-se um ser independente. Ao casar, a mulher não tinha meios para ter uma vida própria, ela devia ser dependente e submissa ao esposo, permanecendo presa ao seu papel dentro do sistema social vigente. Lima se diferencia dos outros autores da época, mostrando ser um escritor preocupado com os problemas sociais existentes no período em que viveu. Nota-se que Afonso Henriques de Lima Barreto era um homem à frente de seu tempo. Muitas vezes, criticando a educação feminina, argumentava que a mulher deveria ter uma instrução mais privilegiada, podendo, um dia, ter uma vida própria.

Muitas foram as mudanças ocorridas no mundo feminino desde o final do séc. XIX até os dias atuais.

O casamento já não é imposto pela sociedade; a mulher casa-se conforme o seu desejo, sem pressões ou qualquer tipo de medo.

Em relação à educação, também houve um processo de grandes mudanças. A mulher não tem, de maneira tão rígida, seu comportamento determinado pelo sistema social; ela tornou-se independente. A instrução já não é mais limitada, muitas foram as portas abertas em

relação à profissão; agora, a mulher pode seguir a carreira que desejar, e também não tem sua função limitada às tarefas domésticas. A maioria das mulheres trabalha fora e, em muitos casos, sustenta sozinha a casa; tornando-se chefe de família.

O estudo e a análise da mulher através das obras de Lima Barreto permitiram-me conhecer um pouco mais a história e o papel da mulher na sociedade brasileira, na virada do séc. XIX/XX. Lendo, pesquisando, analisando, pude perceber as enormes mudanças ocorridas no mundo feminino, conforme já foi apontado. Não podemos dizer que, hoje, a mulher vive uma situação ideal; os tempos são outros, os problemas também. A entrada da mulher no mercado de trabalho foi, sem dúvida, uma grande conquista, mas ela paga um preço alto por esta autonomia: a dupla jornada de trabalho. Conciliar as tarefas domésticas com o trabalho fora de casa ainda é uma árdua batalha para nós, mulheres. A educação dos filhos ainda compete, em grande medida, à mulher.

Enfim, outras questões relativas à mulher, neste mundo pós-moderno, poderiam ser levantadas e discutidas, mas é tema para outra monografia.

## Bibliografia

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ática, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Diário do hospício/ Cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O Subterrâneo do Morro do Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Os Bruzundangas*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Os melhores contos de Lima Barreto*. São Paulo: Global, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1990.
- CAMPOS, Maria Tereza Arruda. *Lima Barreto*. São Paulo: Ática, 1988.
- COSTA, Ângela Marques da & SCHAWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. In: SCHAWARCZ, Lilia Moritz e SOUZA, Laura de Mello e. Coleção Virando Séculos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: Novais, Fernando A. e Sevcenko, Nicolau (orgs.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 3v.
- MOTA, Myriam Becho & BRAICK, Patrícia Ramo. *Historia das Cavernas ao Terceiro Milênio*. São Paulo: Moderna, 1997.
- SANTOS, Afonso Carlos Marques (org.). *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983, 1v.
- VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: A mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.